

Oleg checa as passagens da dupla de reportagem de *Audi Magazine* na estação Yaroslavski, em Moscou, minutos antes de o trem se mover pontualmente às 21h25

# Objetivo: Vladivostok

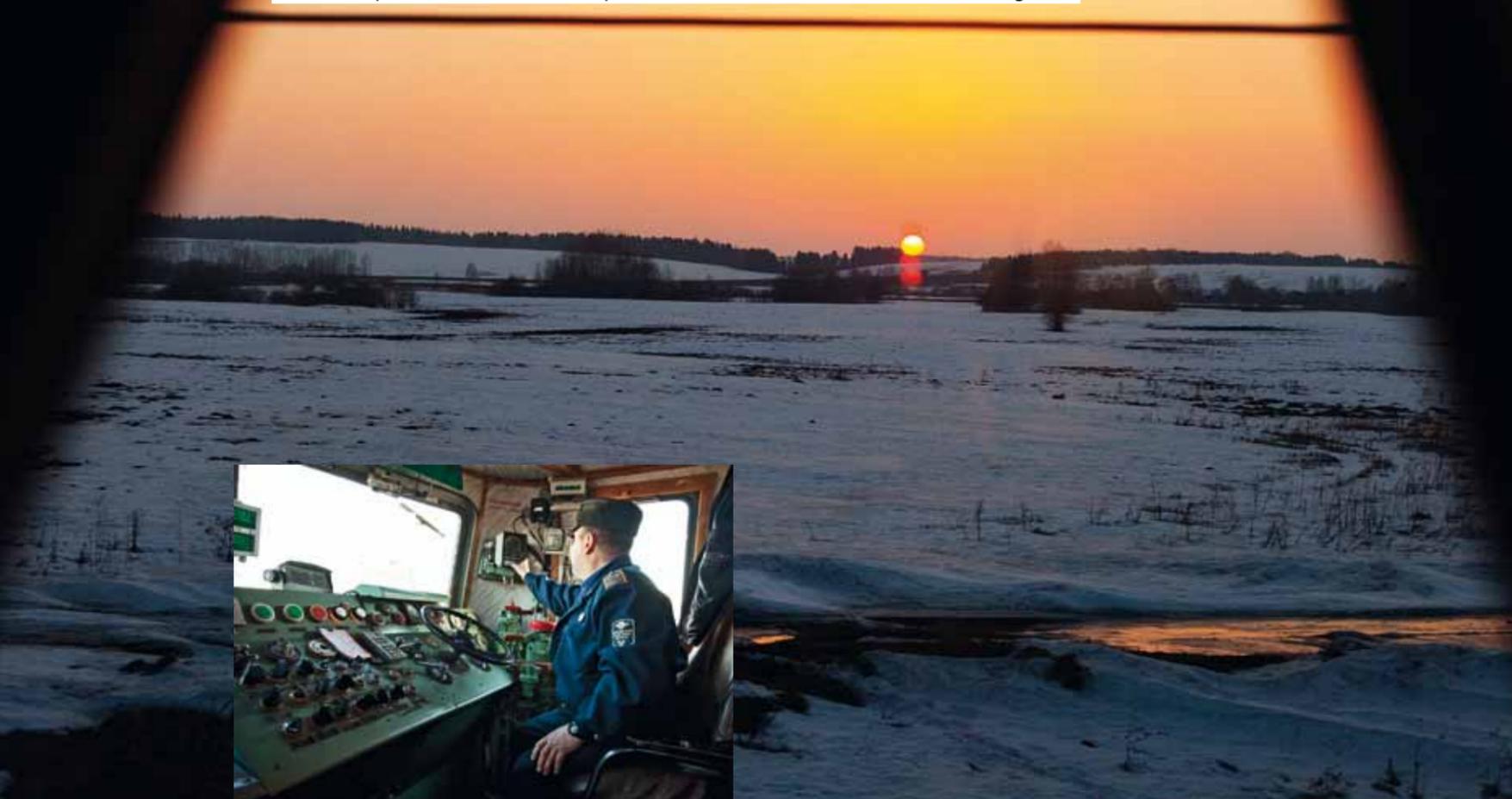
Jornada inédita liga Moscou a Tóquio por terra e mar: sete dias de trem na Rússia, duas noites de navio no Pacífico e mais três trens no Japão. Dividimos a viagem em duas edições. Nesta, acompanhe a rotina de um vagão de 35 passos na maior travessia terrestre do planeta: 9.289 quilômetros da capital russa a Vladivostok - a clássica Transiberiana, sem escalas

// Por Décio Galina texto e Luiz Maximiano fotos

**Sob quepe e uniforme azul-marinho impecáveis,** Oleg não é um cara de conversa fiada. Só fala russo. É sério, compenetrado, mal-humorado e com o rosto quase idêntico ao do Putin. Trata-se do condutor do vagão oito do Rossiya Nº 2, que sai todo dia ímpar, pontualmente às 21h25, da estação Yaroslavski, Moscou. Na maior estilizada férrea do planeta, o trem rasga oito fusos horários e 9.289 quilômetros (São Paulo-Manaus, ida e volta, mais 85 quilômetros) até Vladivostok, no extremo leste russo. Famosa para quem já deslocou exércitos no tabuleiro do jogo War, a cidade era estratégica para a marinha soviética e abriu-se para o Ocidente apenas em 1992. Oleg fica como um poste, na porta do vagão. Checa passagens. Solicita passaporte.

Não faz nenhum comentário do tipo “Brasil-Pelé-Rio de Janeiro-Ronaldinho”. Também não dá nenhuma orientação sobre como será a rotina de 66 paradas - 33 delas com mais de 10 minutos (a maior pausa do percurso é em Barabinsk: 42 minutos). Os poucos turistas estrangeiros no trem vão só até Irkutsk (5.185 quilômetros de viagem), às margens do lago Baikal (o mais profundo do planeta, com 1.637 metros e 20% da água doce da Terra); ou Ulan Ude (5.642 quilômetros), centro do budismo na Rússia e bifurcação da Transiberiana que segue para Mongólia e China. A reportagem de *Audi Magazine*, porém, vai direto. Sete dias no trem, sem escalas, até Vladivostok. >>

A janela é um longa-metragem de dias, onde se assiste à Sibéria, algo quase infinito. A janela é uma espécie de âncora que nos prende à cabine. A noção de tempo se altera completamente. Silêncios se alongam



Hora do adeus em uma das 66 paradas da Transiberiana. Na página ao lado, pôr do sol visto da janela; e o maquinista Yuri Halin, que gritou "Corinthians!" ao saber que éramos do Brasil

O vagão de segunda classe tem um corredor de 35 passos, amplas janelas e nove cabines de quatro camas cada uma. Embora a construção da ferrovia seja dos idos de 1891 e o serviço na linha tenha começado em 1904, o trem está tinindo de novo, funciona desde setembro de 2009. As cabines possuem televisão, luz de leitura individual, entrada para fones e, sob a janela, uma mesa de 80 centímetros de comprimento por 40 de largura. Oleg traz um pacote com roupa de cama e passa instruções: é proibido jogar papel higiênico no vaso (os dois banheiros do vagão permanecem limpos durante todo o périplo). Com extrema boa vontade, quem ajuda na tradução da orientação, mesmo falando apenas meia dúzia de palavras em inglês, é Andrei Chalov, militar aposentado, de 49 anos, da cidade de Ryazan, ao sul de Moscou. Ele é o terceiro homem da cabine. A quarta cama sai vazia da estação Yaroslavski. Andrei mostra fotos da família em uma câmera digital. A maioria das imagens não é dos filhos, Natali e Pavel, nem da mulher, Svetlana, mas sim do cão pequinês bege. Ele também gosta

de fotografar flores. Adora acompanhar hóquei no gelo e torce para o Salavat Ulaev, time da Basquíria. Diverte-se dizendo que sabe algumas palavras em inglês, em alemão e em francês – logo, fala uma espécie de esperanto. Vai para Vladivostok passar uma semana com amigos e depois pega outra semana de trem de volta para Moscou. Já fez a Transiberiana sete vezes, dividiu a cabine com russos, alemães, austríacos – nunca com sul-americanos. Ele leva um aparelho de DVD portátil e mostra as dezenas de filmes que trouxe. “Tudo pirata”, explica na mímica, cobrindo um dos olhos com a palma da mão.

**Mas, Andrei, qual é o grande barato desta viagem?** A resposta demora a vir. Andrei pensa. Finalmente, suspira, deixa escapar um sorriso curto e desvia o olhar para a janela. “Mother Rússia...”, explica. “Window”, conclui. A janela é um longa-metragem de dias, onde se assiste às catadrais de cidades medievais do Anel de Ouro, à travessia do rio Volga, aos montes Urais se transformarem em Sibéria, algo

quase infinito, com paisagens planas, brancas, árvores altas desfolhadas, esparsas casas de madeira com janelas coloridas, ruas de lama, polos industriais, flashes de cidades de 1 milhão de habitantes, cidades abandonadas. A janela é uma espécie de âncora que nos prende à cabine. A noção de tempo se altera completamente. Silêncios se alongam, todos ali, quietos, de olhos pregados na tela, o som dos trilhos é como um mantra, a cabeça dependurada em pensamentos que você não podia suportar. A imobilidade encontra um conforto que inverte a questão “o que faço para matar o tempo?” para “vou me mexer por quê?”. Não se faz nada, com enorme prazer. Fica cada vez mais difícil distinguir 15 minutos de três horas. Talvez as paradas existam no caminho justamente para te trazer de volta ao chão. Por mais que o trem atravesse oito fusos, o horário das paradas segue os ponteiros de Moscou, o que favorece a sensação de universo paralelo provocada pelo trem transiberiano. Nas paradas vendem-se pão, macarrão instantâneo, peixe defumado, bebidas, bichos de pelúcia, frutas. >>



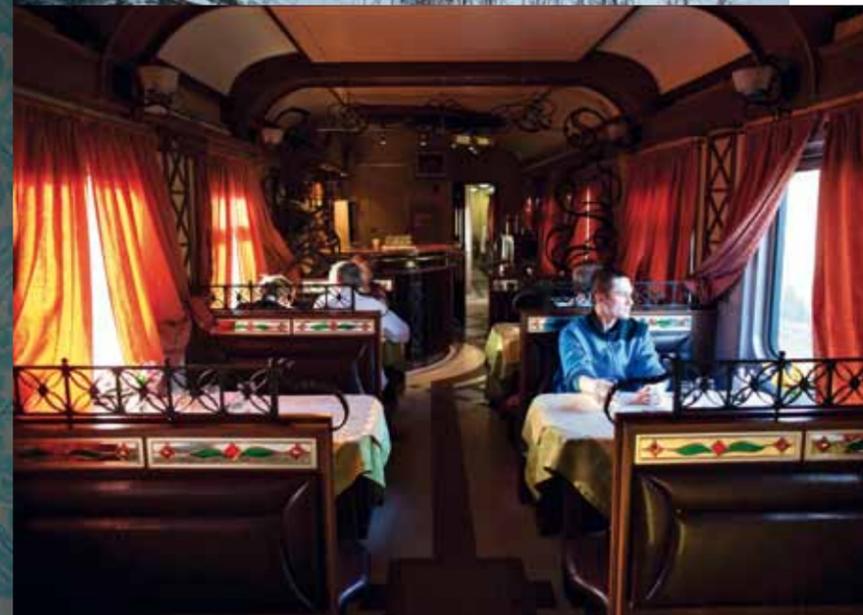
### Sergey e Julia: peteleco na garganta indica diversão com os amigos

O casal de engenheiros (pais de Julia, de 9 anos) volta para Ussurisk depois de duas semanas na casa de amigos, em Novosibirsk. Julia

(mãe) dá um peteleco na garganta, gesto que indica “beber” – vodka, boa parte das vezes. Quando o peteleco na garganta é seguido por boas risadas, sinal de que o encontro com a turma foi pra lá de animado. Eles também elogiaram muito o zoológico que visitaram em Novosibirsk. Ficaram horas no corredor mostrando mais de 200 fotos de bichos enjaulados na digital da família – com direito a diversas explicações para cada imagem. Na mesa da cabine cinco do vagão oito, Sergey e Julias levam dois vasos Sibéria afora: um com rosas; outro com um pé de limão.



O carro-restaurante não acompanhou a modernização dos vagões de passageiros e segue como antigamente. O staff não é dos mais gentis: “Cerveja?”, “Não, só vou ler um pouco...”, “Então, volte para o seu quarto!”



**Valery Saksonov: vodca, maçã e memórias soviéticas**

Valery, 58 anos, fala o melhor inglês entre os funcionários do trem. Ele é o condutor do último vagão (11º carro da composição), o de terceira classe. É ele quem faz sinal de luz para o maquinista e libera a partida. Soma 30 anos sobre trilhos e pretende esticar mais dois. Vive em Khabarovsk. Tem um filho que estuda chinês na universidade. Nos tempos soviéticos, Valery trabalhou em trens para estrangeiros – aí que aprendeu inglês. “Li muita *Newsweek*.” Ele fez o curso de direito, mas optou pelo serviço com os estrangeiros nos trens, pois ganhava três vezes mais do que poderia tirar como advogado. Valery usa um anel de ouro, com o desenho de um barco. “Ganhei quando fiz 18 anos. Minha mãe queria que eu trabalhasse no mar, mas preferi a ferrovia.” O condutor gosta de bater papo no cubículo onde trabalha. Enquanto recorda as histórias dos tempos soviéticos, serve vodca e pedaços de maçã.



Ofereço peras para Oleg e Olga, funcionária que trabalha no turno diurno, enquanto Oleg descansa. Olga aceita. Oleg não, diz que está com dor de dente.

Na terceira parada, em Kirov, às 9h42 da primeira manhã no trem, sobe o quarto elemento da cabine. Sergey, “radio engineer”, dos seus 50 anos. Ele cumprimenta a todos estendendo a mão direita. Põe sobre a mesa um livro de capa dura com a ilustração que mescla o perfil de uma mulher, um veleiro no mar e um tanque de guerra. Troca os sapatos por chinelos tipo Rider. Pergunto para onde está indo e ele desembesta a falar pelos cotovelos em russo. Andrei entra no papo e, de repente, os desconhecidos parecem amigos de longa data. Sergey abre espaço entre as mexericas da mesa e fatia o salame. Às 10h15 da manhã, os quatro camaradas fazem o primeiro brinde de vodca. Pedacos de pão preto acompanham. Sergey não

tem a ponta do dedão direito. Perdeu numa fábrica, há muito tempo. Andrei emenda dizendo que o contêrrâneo será o próximo presidente do Brasil. Às 10h32, após o terceiro brinde de vodca e nacos de mexerica e maçã, vem o primeiro copo de cerveja servida de uma grande garrafa plástica, sem gelo. Faz um sol lindo lá fora, sol de início de abril. O almoço chega à cabine. Arroz branco, frango empanado, ervilha e queijo. Entre novos brindes, aprendo que vodca com pimenta é ótimo para combater febre; enquanto vodca com sal é muito recomendável para casos de diarreia.

Outras refeições são servidas no carro-restaurante, que não acompanhou a modernização dos vagões de passageiros e segue como antigamente. O staff do restaurante não é, digamos, muito amável. “Piva?” (cerveja), me oferece bruscamente o garçom, como se empunhasse uma machada. >>

De cima para baixo, trem faz curva (nos trechos mais rápidos, ele anda a 140 km/h, nos mais lentos, a 50 km/h); carro-restaurante; o russo Andrei serve vodca para o contêrrâneo Sergey, sob o olhar do jornalista Décio Galina

A maioria do trem é formada por russos, famílias se locomovendo para ver parentes distantes, militares trocando de postos, comerciantes buscando novos negócios. Estrangeiros? Raros



Paisagem siberiana desenhada pela janela. Na página ao lado, lê-se em letras cirílicas Rossiya, nome do trem que liga Moscou a Vladivostok; estátua de Lênin na estação Belogorsk



Agradeço, digo que só vou dar um tempo ali, ler o drama de Raskólnnikov, pirar na paisagem, essas coisas. “Então, volte para seu quarto!”, sentencia, todo gentil, o garçom. Agradeço, digo que só vou dar um tempo ali... Para não ter que repetir tudo, peço um (saboroso) filé com batatas. Depois de horas de neve, volta a fazer sol na Sibéria. A mesa mais animada do restaurante é a das cinco amigas finlandesas que estão adorando tudo na viagem. Elas estão indo para Ulan Bator, capital da Mongólia, e de lá esticarão para Terej, onde passarão quatro noites dormindo em gers – as típicas cabanas brancas circulares sem janelas, moradia portátil da última nação nômade do planeta.

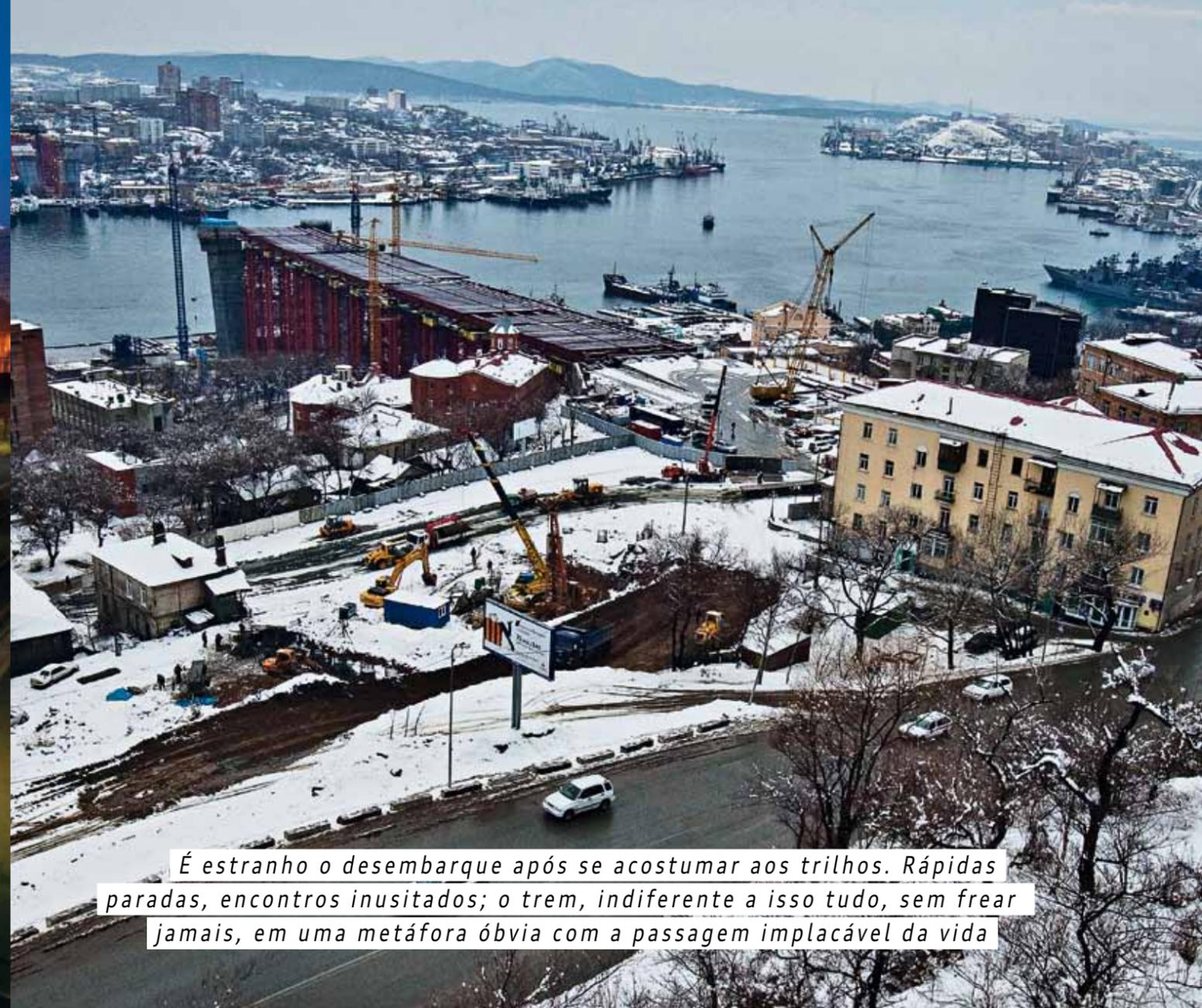
Com o passar das horas, dos dias, o corredor também vira um ponto de encontro dos passageiros. O trânsito sobre o carpete (que Olga limpa com aspirador de pó todos os dias) tem dois fluxos principais: o de pessoas indo até o time table pendurado na parede para saber o horário da próxima parada e/ou o de pessoas indo buscar água quente no filtro

localizado perto do quarto de Oleg. Água quente para a mamadeira dos bebês, para o macarrão instantâneo, para o banho de caneca, água quente para o chá. Chá tomado em copos longos de vidro, copos que vão encaixados – com certa folga – num suporte prateado todo trabalhado, com desenhos de locomotiva e da estação Yaroslavski, talvez a peça mais emblemática da viagem, afinal, ela está sempre sobre a mesa, independente do que se esteja tomando. É pela asa dessa peça que se seguram os copos em todos os brindes da Transiberiana. O corredor funciona ainda como um mirante privilegiado graças às grandes janelas. E aí está outro programão da jornada: ficar em pé, apoiado no corrimão, laçado pela paisagem, com tempo de sobra para acompanhar o sol baixando no horizonte. O corredor deixa evidente que a maioria do trem é formada por russos, famílias se locomovendo para ver parentes distantes, militares trocando de postos, comerciantes buscando novos negócios. Estrangeiros? Raros. >>



**Anna Baslekaryova:**  
“Lênin não foi uma boa pessoa”

A moça de 13 anos é estudante em Krasnoyarsk. Viaja com a mãe, Julia, assistente social, em vagão de terceira classe, onde vão 52 passageiros. Descem em Irkutsk para visitar parentes. Anna gosta de ler durante a viagem, de comer chocolate Mars, de conversar com as novas amigas. Diz que curte viajar de trem, pois, assim, pode ver de perto a paisagem do país de que fala com tanto orgulho. Na escola, prefere russo, inglês, história e física – odeia matemática. Sobre a revolução de 1917, não sente nada em especial, apenas comenta que não gosta de Lênin: “Ele não foi uma boa pessoa”. Seu programa predileto em Krasnoyarsk é relaxar fazendo compras. “Adoro roupas.”



*É estranho o desembarque após se acostumar aos trilhos. Rápidas paradas, encontros inusitados; o trem, indiferente a isso tudo, sem frear jamais, em uma metáfora óbvia com a passagem implacável da vida*

Dois momentos de Vladivostok: acima, estação de trem; ao lado, vista panorâmica da cidade portuária que era uma das mais fechadas a estrangeiros nos tempos soviéticos por ser base da marinha

Nossa vizinha de cabine é a suíça de Zurique Beatrice Jaggi, 44 anos, jornalista desempregada que resolveu ir a Vladivostok e, de lá, navegar para o Japão. Quer colocar as ideias no lugar. Beatrice se mostra um pouco aborrecida com a Suíça, reclama das estradas, diz que o asfalto está cheio de buracos. O casal de ingleses Russel e Marry adora viajar de trem, conhece meio mundo, mas nunca esteve na América do Sul. Vão para Pequim, com escala na Mongólia. Russel se deu muito bem no comércio de carnes. Está feliz da vida, faz piadinhas espertas, usa a camisa flanelada quadriculada por dentro da calça presa ao cinto. Fala com orgulho dos netos, dos quatro filhos; três vivendo em Londres, um em Vancouver. Em outra cabine de segunda classe, os amigos coreanos Kim e Kim contam que visitaram São Petersburgo e Tallin (Letônia) antes de pegar o trem para Vladivostok – de lá seguem, de navio, para a Coreia do Sul. Kim (homem) tem 26 anos, é

professor de ensino básico, veste uma calça indiana folgada e está a dois meses de entrar no exército coreano, onde ficará por dois anos. Kim (mulher) tem 40 anos, mas aparenta a metade, é dona de casa e está acompanhando o amigo.

Entre bons papos, um susto na parada de 21 minutos de Novosibirsk, a  $-5^{\circ}\text{C}$ . Na plataforma, em meio a brincadeiras com jovens militares uniformizados, um suposto militar (sem farda), aparentemente embriagado, puxa uma faca e nos ameaça. Sem entender o motivo da cena, buscamos proteção perto de Oleg. Com o trem em movimento, recebemos na cabine a visita do agressor, que conversa com Andrei. Nosso amigo pega a máquina fotográfica de Luiz Maximiano e apaga algumas imagens. O mal-estar e certa apreensão prosseguem por algumas dezenas de quilômetros.

O ápice positivo da viagem acontece quase 2 mil quilômetros à frente, depois de Irkutsk, quando o dia amanhece

às margens do lago Baikal congelado. Um espetáculo. Após Ulan Ude, sobram poucos estrangeiros. Os trilhos correm próximos à fronteira com a China até Khabarovsk (8.521 quilômetros de viagem), às margens do rio Amur, onde a parada de 30 minutos sob forte nevasca é suficiente para perceber que estamos em uma das cidades mais vibrantes da Sibéria. A partir dali, o Rossyia N° 2 deixa de acelerar a leste e passa a ir ao sul, reta final para Vladivostok. Sergey adoeceu um pouco. Andrei usa uma espécie de Gelol para fazer massagem nas costas do amigo que vai desembarcar em Ussurisk, duas estações antes da final.

**É estranho pensar em descer dessa bolha** e voltar a enfrentar o mundo. O trânsito de passageiros nas paradas, a adaptação a uma rotina tão diferente, as histórias de vida desafiadas em conversas sem pressa; o trem, indiferente a isso tudo, sem parar jamais, em uma metáfora óbvia com

a passagem implacável da vida que chega a emocionar. A 40 minutos do destino as luzes da cabine se acendem e começa a tocar um pop russo. Oleg confere a roupa de cama de cada cabine e diz que está faltando uma toalha de rosto na nossa. Peço desculpas, digo que não sei onde está, ele faz pose de agente da KGB, mas, enfim, arrisca um projeto de sorriso e deixa pra lá. São 23h26 de domingo, horário de Moscou, mas a segunda-feira de céu limpo está prestes a nascer, afinal, são sete horas a mais. Os pulmões viciados com o ar parado dos vagões são arremetidos pela maresia do Pacífico. Conquistamos Vladivostok. Vamos passar duas noites nessa borda da Rússia e pegar um navio de bandeira panamenha, com tripulação coreana e filipina, para duas noites no mar do Japão rumo a Sakai-minato, no oeste da ilha de Honshu. Trajeto parecido com o tracejado que une Vladivostok ao Japão no tabuleiro de War – a segunda parte da jornada Moscou-Tóquio você acompanha na próxima edição de *Audi Magazine*. //